

FAMÍLIA IMPERIAL BRASILEIRA



Patrocínio:

Adultos: R\$ 8,00
Estudantes, professores e maiores de 60 anos: R\$ 4,00
Menores de 7 anos e maiores de 80: gratuito

Grupos de instituições de ensino agendados: gratuito

Menores de 7 anos e maiores de 80: gratuito

Preços:

Terça a domingo, das 11h às 18h

Visitação:

www.museuimperial.gov.br

Rua da Imperatriz, 220 – Centro – 25610-320 – Petrópolis – RJ

Museu Imperial



Museu Imperial

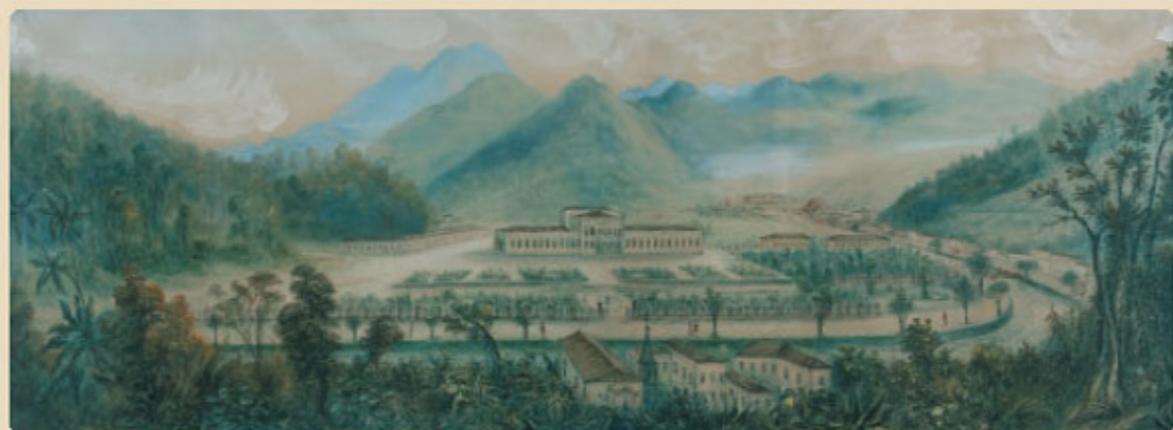
GUIA DE VISITAÇÃO

Histórico

O Palácio Imperial de Petrópolis foi uma das residências da família imperial brasileira. Construído entre 1845 e 1862, com recursos oriundos da dotação pessoal do imperador d. Pedro II, o prédio teve o projeto original elaborado pelo superintendente da Fazenda Imperial, major Julius Friedrich Koeler, e, após seu falecimento, foi modificado por Cristóforo Bonini, que acrescentou o pórtico de granito ao corpo central. Para concluir a obra, foram contratados importantes arquitetos ligados à Academia Imperial de Belas Artes: Joaquim Cândido Guillobel e José Maria Jacinto Rebelo, com a colaboração de Manuel Araújo Porto Alegre na decoração. O complexo foi enriquecido, ainda na década de 1850, com o jardim planejado e executado pelo paisagista Jean-Baptiste Binot, sob orientação do jovem imperador.

D. Pedro II adorava a sua residência de verão e a cidade que se formou ao redor. Suas prolongadas temporadas em Petrópolis criaram uma atmosfera favorável para a prática de veraneio ou vilegiatura, como se dizia à época, iniciada pelo próprio monarca e pela aristocracia do Império, seguida pelos presidentes e políticos da República e cultivada por muitos até hoje.

Com o novo regime e o conseqüente banimento da família imperial, o prédio foi ocupado por dois educandários, o Notre Dame de Sion (1893-1908) e o São Vicente de Paulo (1909-1939). Grande parte do mobiliário e demais objetos do Palácio Imperial de Petrópolis foram transferidos de local e de propriedade até a criação do Museu Imperial pelo Decreto-Lei nº 2.096, de 29 de março de 1940, assinado pelo presidente Getúlio Vargas.



Uma equipe técnica liderada pelo idealizador e primeiro diretor do Museu, Alcindo de Azevedo Sodré, tratou de estudar a história da edificação e localizar peças pertencentes à família imperial em diferentes palácios para ilustrar o século XIX e o dia a dia de membros da dinastia dos Braganças em uma diversificada proposta de exposição. Importantes colecionadores nacionais juntaram-se ao projeto, doando objetos de interesse histórico e artístico.

Como resultado, o Museu Imperial foi inaugurado em 16 de março de 1943 com um significativo acervo de peças relativas ao período imperial brasileiro. Ao longo das últimas sete décadas, acumulou expressivos conjuntos documentais, bibliográficos e de objetos graças a generosas doações de centenas de cidadãos, totalizando um acervo de quase 300 mil itens.

No circuito de exposição permanente, você poderá conferir 10% do acervo museológico distribuído ao longo de salas de exposições com temas da história nacional e ambientes que recuperam o cotidiano da família imperial em Petrópolis e no Rio de Janeiro.

Durante a visita...

... por que o público precisa usar pantufas?

As pantufas distribuídas aos visitantes do Museu Imperial têm como objetivo proteger o piso original do século XIX. Ou seja, ao utilizar a pantufa, você contribui para a preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

... por que não é permitido fotografar?

O uso de câmeras no Museu Imperial não é permitido porque especialistas comprovaram que o flash prejudica grande parte das obras expostas, principalmente as obras com suporte em tela e/ou papel.

... por que é preciso deixar bolsas e malas no guarda-volumes?

Para maior comodidade durante a visita e para prevenir acidentes com o público e o acervo, os visitantes são convidados a deixar bolsas e mochilas no guarda-volumes localizado do saguão do Palácio.

Conheça o Museu Imperial

JARDIM

"Aproveitei o tempo em casa até 9 que almocei, e o mesmo fiz depois partindo para a cidade. Parei perto do portão da saída do jardim para que um daguerreotipista tirasse a vista..."

Diário de d. Pedro II, Petrópolis, 24 de junho de 1861.



Com o roteiro das caminhadas do imperador em Petrópolis como fonte de inspiração, a visita ao Museu Imperial começa pelo jardim, que recebeu espécimes nativos de cinco continentes

Dezenas deles chegaram aos dias de hoje, como os ciprestes, as palmeiras, as jaqueiras, os cedros, os jasmims, os manacás e as camélias, símbolo da campanha abolicionista durante a década de 1880.

E, assim como o daguerreotipista observado por d. Pedro II, você poderá fotografar as esculturas inspiradas na Antiguidade Clássica, como *Clóris, deusa das flores*, e *Apolo, deus do sol*; ou ainda o bronze *O Rio*, de Alphonse Lerolle, e peças comemorativas, como a escultura de *d. Pedro II*, realizada por Francisco Manuel Chaves Pinheiro, doação da municipalidade de Petrópolis ao Museu Imperial, quando de sua inauguração, em 1943.

PALÁCIO

O Museu Imperial concentra seu acervo no século XIX e, especialmente, no período do governo de d. Pedro II. Mas o Museu também possui itens datados desde o século XIV e milhares de outros relativos à cidade de Petrópolis e ao estado do Rio de Janeiro.

O Palácio possui 44 cômodos, duas alas, um corpo central e um andar superior (sobrado). Na ala esquerda e no sobrado, os cômodos estão dispostos de forma a reproduzir aposentos da família imperial, reconstituídos a partir de minuciosa pesquisa documental. Já na ala direita, há, principalmente, salas de exposições sobre aspectos culturais, políticos e econômicos do Brasil do século XIX.

Ala esquerda

1. Vestíbulo ou saguão

O que chama a atenção em primeiro lugar é o piso original, em mármore de Carrara e mármore preto da Bélgica. À direita, na parede, vemos o **retrato de d. Pedro II aos 12 anos**, do artista Félix Émile Taunay.



2. Sala dos diplomatas

Espaço reservado para receber membros das legações estrangeiras. Destaque para os retratos dos reis de Portugal, *d. João VI* e *d. Maria II*, ambos atribuídos a William Simpson, além da escultura *Mima*, executada em mármore pelo diplomata, escritor e escultor conde Artur de Gobineau. Os móveis adornavam a sala dos diplomatas do Palácio de São Cristóvão, residência oficial da família imperial brasileira.



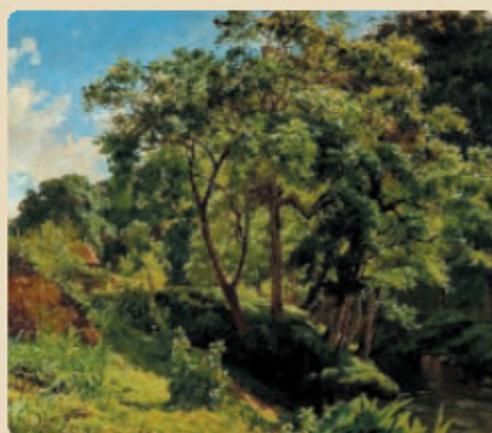
3. Sala de jantar

A família imperial nunca utilizou luz elétrica no Palácio. Por isso, lustres, como o luxuoso exemplar que decora a sala, eram iluminados com o auxílio de velas. Para aproveitar ao máximo a iluminação natural, d. Pedro II e sua família se levantavam muito cedo. Assim, o almoço era servido às 9 horas e o jantar, entre 16 e 17 horas. Os móveis, feitos por encomenda à firma Jeanselme Léger et Fils, foram usados pela família no Palácio de São Cristóvão.

Por recomendação da Brigada de Incêndio da época, as cozinhas ficavam localizadas em prédios anexos. Por isso, a comida era trazida pelos empregados em caixas de madeira forradas com zinco para o depósito de brasas e depois levada à mesa.

4. Corredor

No corredor, paisagens pintadas por importantes artistas da segunda metade do século XIX, como Pieter Godfred Bertichen, com a *Vista da entrada do Rio de Janeiro*; conde d'Áquila, cunhado de d. Pedro II e autor de *A tempestade*; Jean-Baptiste Durand Brager, com a pintura *Vista da Baía do Rio de Janeiro*; e João Batista da Costa, autor de *Paisagem da Westfália*.



As claraboias também chamam a atenção. Projetadas por Joaquim Cândido Guillobel com a colaboração de Manuel Araújo Porto Alegre, foram instaladas para beneficiar a iluminação interna.

5. Sala de costura

Uma das atividades femininas no século XIX, o bordado era praticado pela imperatriz, pelas princesas e por damas de companhia. Essa convivência se dava na sala de costura, que preserva os móveis utilizados pela família imperial neste mesmo local.



6. Sala do piano da imperatriz d. Teresa Cristina

Além do piano que pertenceu à imperatriz, encontra-se na sala o *Retrato da família imperial*, de François René Moreaux.

7. Sala de música e baile

A música já fazia parte da educação dos membros da família real portuguesa. Por isso, a sala de música e baile da família imperial brasileira possuía um lugar

de destaque no Palácio. Merecem especial atenção: o pianoforte da marca inglesa Broadwood, que teria pertencido a d. Pedro I; o violino com incrustações de madrepérola de d. Pedro II; e a espineta, fabricada por Mathias Bosten em 1785, que é a única remanescente desse artífice germânico radicado em Lisboa.

Os estuques ornados com instrumentos musicais são outro destaque da sala - naquela época, os temas da decoração indicavam o uso do cômodo. O mobiliário também pertenceu ao Palácio de São Cristóvão.



8. Saleta

Os móveis deste cômodo foram produzidos ao gosto do estilo Império. Esse estilo de decoração foi desenvolvido na França, no início do século XIX, sob encomenda de Napoleão Bonaparte.

9. Gabinete de trabalho de d. Pedro Augusto

D. Pedro Augusto, filho da princesa d. Leopoldina, segunda filha de d. Pedro II e d. Teresa Cristina, era o neto mais velho do imperador. À direita, na parede, vemos um retrato do príncipe ainda jovem.



10. Sala do Segundo Reinado

Os móveis foram usados no Salão Nobre do Palácio do Senado do Império, no Rio de Janeiro. À direita, a pintura *D. Pedro II na Abertura da Assembléia Geral*, de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, que retrata o imperador na única ocasião do ano em que portava o traje majestático, composto de coroa, cetro, manto, espada e véstia. Na parede oposta, a tela de François René Moreaux mostra a *Cerimônia da Sagração e Coroação de d. Pedro II*, ocorrida a 18 de julho de 1841, na Capela Imperial, no Rio de Janeiro.





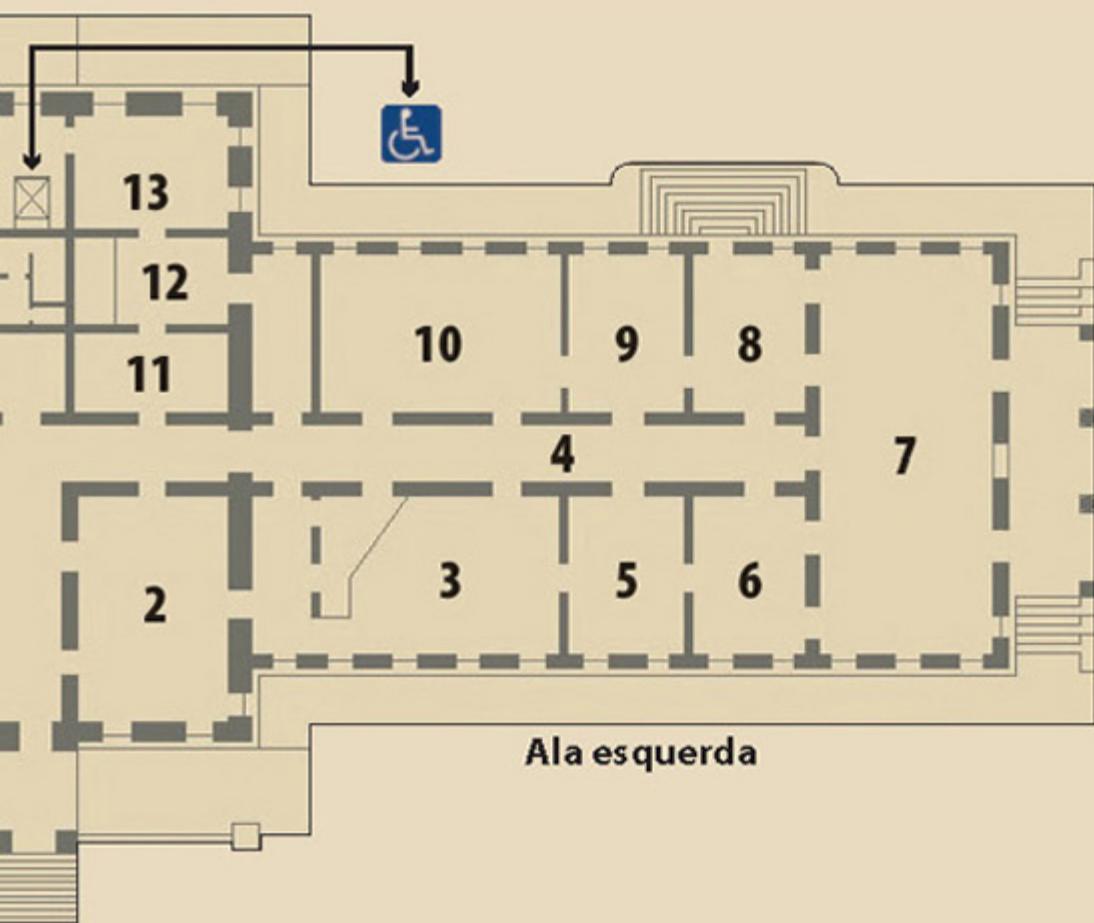
11. Sala das insígnias imperiais



A **coroa de d. Pedro I**, manufaturada em ouro cinzelado pelo ourives Manuel Inácio de Loiola em 1822, mede 36,5 centímetros de altura, 20 centímetros de diâmetro e pesa 2,689 quilos.



O **cetno de ouro e brilhantes** usado pelos imperadores d. Pedro I e d. Pedro II possui 2,5 metros de altura, 2,51 quilos e é encimado por um dragão maciço. Em frente, o objeto-símbolo da nossa liberdade e maturidade civil, a **pena** usada pela princesa Isabel para assinar a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888.



Principal

12. Sala da coroa de d. Pedro II

A *coroa de d. Pedro II*, feita no Rio de Janeiro pelo ourives da Casa Imperial, Carlos Marin, possui 31 centímetros de altura, 20,5 centímetros de diâmetro e 1,955 quilos. A peça foi confeccionada, em 1841, com ouro cinzelado, 639 brilhantes e 77 pérolas.



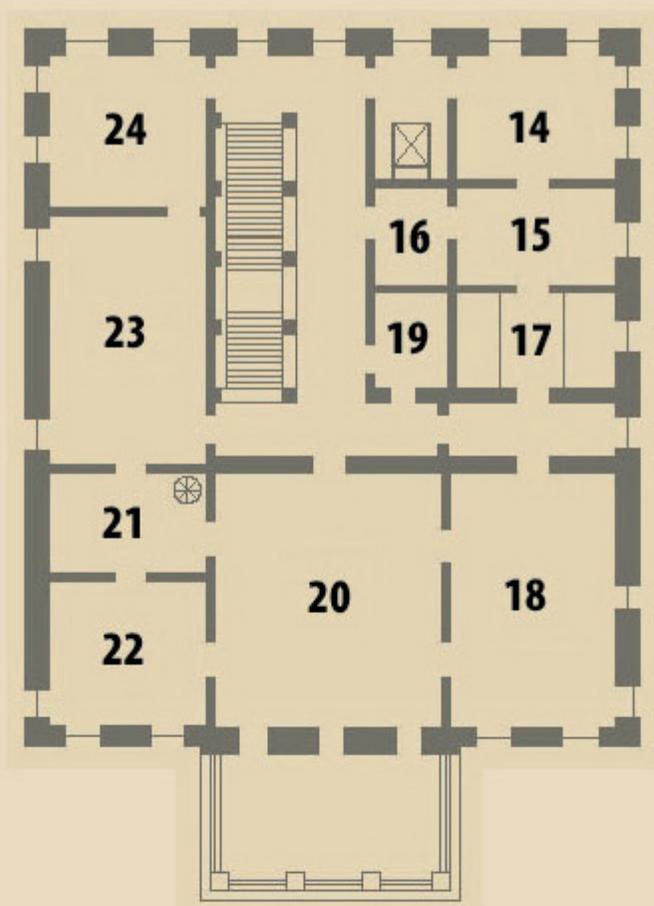
13. Sala do traje majestático de d. Pedro II



O *traje majestático*, com a murça confeccionada com penas de papo de tucano e o bordado a ouro com estrelas, possui esferas armilares, dragões e motivos florais.



Sobrado



Sobrado

14. Quarto de solteira da princesa d. Isabel

No século XIX, o tamanho da cama era apropriado ao estado civil da pessoa. Por isso, a cama da princesa Isabel, inserida em seu quarto de solteira, era bem pequena. À direita, na parede, uma gravura retrata as princesas d. Isabel e d. Leopoldina a cavalo.

15. Sala dos berços

Nos berços, dormiram os filhos de d. Pedro II com d. Teresa Cristina falecidos precocemente: d. Afonso e d. Pedro.

16. Sala do berço dourado

O berço dourado foi usado pelos príncipes d. Pedro Augusto, filho da princesa Leopoldina, e d. Pedro de Alcântara, filho da princesa Isabel.

17. Quarto de vestir

Os diversos objetos de toalete expostos eram utilizados para higiene pessoal. A tela *Fragata Constituição*, de Estevão Francisco Augusto Mayer, retrata o navio que trouxe a imperatriz ao Brasil após seu casamento com d. Pedro II, feito por procuração em Nápoles, além de dois consoles pertencentes a essa embarcação.

18. Quarto de dormir dos imperadores

O quarto em que dormiam d. Pedro II e d. Teresa Cristina possui na decoração um estuque que identifica o casal com as iniciais "PT".

19. Sala de arte sacra

A religiosidade do imperador e sua família é representada pelas peças sacras brasileiras e portuguesas dos séculos XVII, XVIII e XIX.





20. Sala de Estado

Sala mais importante do Palácio, onde o imperador recebia visitantes ilustres. Na montagem do Museu, recebeu um dos quatro tronos de d. Pedro II, usado no Palácio de São Cristóvão. O Palácio de Petrópolis, por ser a residência de veraneio da família, não possuía trono.

21. Antessala do gabinete

Na estante de mogno com aplicações de bronze dourado com a sigla "PII", destaca-se o **relógio de bronze dourado**, latão e cristal, fabricado pelo francês Charles Oudin, que pertenceu ao imperador.



22. Gabinete de estudos do imperador d. Pedro II

O gabinete do imperador ilustra sua paixão pela ciência. Na mesa, o **telefone** que ligava o Palácio de São Cristóvão à Fazenda Imperial de Santa Cruz. A relação de d. Pedro II com o telefone data da exposição comemorativa do centenário da independência dos Estados Unidos da América, na Filadélfia, em 1876, quando experimentou a invenção.



23. Sala de exposição 1

Expõe **retratos de membros da nobreza brasileira** e peças de mobiliário luso-brasileiro do século XVIII que pertenceram ao historiador Tobias Monteiro.



O toucador exhibe peças de higiene pessoal, que era feita em lavatórios, com jarros e bacias, e em cadeiras especialmente construídas para essa finalidade (**comuas**). Os banheiros da família imperial - assim como ocorria com as cocheiras e os tanques de água para os animais - foram construídos afastados do Palácio, onde hoje se encontram as ruas que margeiam o Museu.



24. Quarto de solteira da princesa d. Leopoldina

O espaço, originalmente ocupado como quarto da segunda filha de d. Pedro II, também reúne peças de mobiliário luso-brasileiro doadas pelo historiador Tobias Monteiro. Já o espelho de porcelana de Saxe foi presente do imperador da Áustria, Francisco José, a d. Pedro II.

Ala Direita

25. Sala das joias

O **cofre de porcelana, biscuit e bronze dourado**, da manufatura francesa de Sèvres, foi um presente dos reis da França, Louis Phillippe e Marie Amélie, ao filho François d'Orléans, o príncipe de Joinville, que se casou com a princesa d. Francisca, irmã de d. Pedro II. As placas que revestem sua superfície fazem alusão à carreira do príncipe, que era comandante da marinha francesa.



O **colar de filigrana de ouro** pertenceu à imperatriz d. Leopoldina, mãe de d. Pedro II. As esferas dessa joia representam todas as províncias do Império, organizadas de acordo com sua importância política e econômica.

O colar de ametistas da marquesa de Santos foi presente de d. Pedro I. O

broche da baronesa de Guamá é portado por ela em um retrato exposto na mesma sala. À direita, estão **braceletes** e pulseiras de ouro usados por escravas da Bahia — uma forma de os senhores demonstrarem riqueza. Os balangandãs de prata também eram usados por escravas da Bahia e os berloques (peças neles encaixados) reconheciam atributos das escravas, como lealdade (cão) e longevidade (tartaruga).



26. Sala de exposição 2 Móveis do século XVIII

Os móveis luso-brasileiros, originários do século XVIII, foram doados pelo historiador Tobias Monteiro. Ao fundo, o **retrato da princesa d. Maria Amélia**, única filha do segundo casamento de d. Pedro I com d. Amélia.

27. Sala das porcelanas

Cada serviço de porcelana da família imperial possuía mais de 300 peças com a mesma ornamentação. Os cristais apresentavam as Armas do Império do Brasil em relevo.

28. Sala do Primeiro Reinado

As peças fazem referência ao reinado de d. Pedro I (1822-1831), como a mesa usada pelos deputados da primeira Assembleia Nacional Constituinte do Brasil (1823), o quadro **Proclamação da Independência** (François René



Moreaux -1842) e retratos do imperador (Simplício Rodrigues de Sá) e das imperatrizes d. Leopoldina (autor desconhecido) e d. Amélia (Friedrich Durck). Merece destaque também a mesa na qual o imperador assinou sua abdicação a 7 de abril de 1831. A Carta da Abdicação está preservada no Arquivo Histórico do Museu Imperial.

29. Loja de souvenirs

30. Sala de exposições temporárias

31. Sala de exposição 3 - Princesa d. Isabel

A sala faz referência à vida da princesa e à abolição da escravidão. Nela estão o quadro *Juramento da princesa Isabel*, de Victor Meirelles, o mobiliário que pertenceu à sua casa em Petrópolis e alguns objetos de uso pessoal. O lustre de cristal Bacará foi o único do palácio não adaptado à luz elétrica.



32. Sala de exposição 4

33. Sala de exposição 5



34. Sala de visitas da imperatriz d. Teresa Cristina

A imperatriz costumava receber suas amigas para conversar nesta sala, com mobiliário adequado à indumentária da época e à sua pequena estatura. Os sofás e as cadeiras de jacarandá têm estofos em tapeçaria de Aubusson e apresentam a inicial "T" (Teresa) sob a coroa entalhada.

PAVILHÃO DAS VIATURAS

Local que abrigava a ucharia, uma espécie de depósito de utensílios domésticos e mantimentos. Hoje, no primeiro salão, encontra-se a *Batalha de Campo Grande*, pintura de Pedro Américo de Figueiredo e Melo, de 1871, que representa um momento da última grande batalha da Guerra do Paraguai (1865-1870).

O espaço anexo abriga viaturas do século XIX, incluindo uma carrocinha de pão, cadeiras de arruar (conduzidas por escravos ou empregados e utilizadas para pequenos trajetos) e uma berlinda (viatura de passeio ou viagem conduzida por cavalos).



A carruagem de gala de d. Pedro II, fabricada na Inglaterra em 1837, foi usada por ele em ocasiões solenes.

A Locomotiva nº 11, localizada no pátio ao lado, compunha o trem que percorria a antiga estrada de ferro (de 1883 a 1964), ligando Petrópolis ao Rio de Janeiro.

Institucional

O Museu Imperial é uma unidade do Instituto Brasileiro de Museus do Ministério da Cultura. Conheça alguns de seus setores técnicos:

- Arquivo Histórico: um dos mais importantes do Brasil, possui cerca de 200 mil documentos textuais e impressos, iconográficos e cartográficos;
- Museologia: responsável pelas exposições da Casa, bem como pela preservação, pesquisa e divulgação de 7 mil objetos;
- Biblioteca: realiza a guarda e conservação de mais de 50 mil títulos, sendo 8 mil obras raras;
- Casa Geyer: detém 4 mil objetos de arte e livros de viagem sobre o Brasil;
- Setor de Educação: oferece projetos educativos a públicos de todas as idades;
- Laboratório de Conservação e Restauração: preserva os acervos bibliográfico, arquivístico e museológico sob a guarda do Museu Imperial.

O Museu promove ainda eventos variados. Entre as atividades permanentes, estão o espetáculo Som e Luz, uma viagem ao período imperial através de um show de tecnologia, e o projeto Um Sarau Imperial, que proporciona a vivência de uma atividade de lazer comum no século XIX.



Com o objetivo de atingir um público cada vez mais diverso, foi criado o Projeto de Digitalização do Acervo do Museu Imperial (Projeto DAMI), que disponibiliza as coleções do Museu no portal www.museuimperial.gov.br.

Contatos:

Telefones: (24) 2245-5550 / (24) 2245-5560

E-mails:

Museu: mimp.faleconosco@museus.gov.br

Promoção: mimp.promocao@museus.gov.br

Arquivo Histórico:

mimp.arq.historico@museus.gov.br

Biblioteca: mimp.biblioteca@museus.gov.br

Educação: mimp.educacao@museus.gov.br

Museologia: mimp.museologia@museus.gov.br

Laboratório de Conservação e Restauração:

mimp.laboratorio@museus.gov.br

CRÉDITOS

Texto

Bárbara Cordeiro Dias Skaba
e Maurício Vicente Ferreira Júnior

Colaboração

Ana Luísa Alonso de Camargo, Cláudia Maria de Sousa Costa, Fernando Ferreira Barbosa, Isabela Maria Verleun, Maria Inez Turazzi, Neibe Cristina Machado da Costa, Regina Helena de Castro Resende

Revisão

Rosana Carvalho de Oliveira Miranda

Imagens

César Barreto, George Milek, Jaime Acioli,
Roberto Bellonia e Rômulo Fialdini

Programação visual

André Hansen

República Federativa do Brasil

Presidenta da República

Dilma Vana Rousseff

Ministra da Cultura

Ana de Hollanda

Presidente do Instituto Brasileiro de Museus

José do Nascimento Júnior

Museu Imperial

Diretor

Maurício Vicente Ferreira Júnior

Coordenador Técnico

Fernando Ferreira Barbosa

Coordenador Administrativo

Sérgio Abrahão

Impressão:



SUMAÚMA
EDITORA E GRÁFICA LTDA